



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 24 - julho de 2020**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p153-165>

**A poesia e a filosofia face ao indizível:  
do *experimentum linguae* em Giorgio Agamben**

**Poetry and philosophy in the face of the unspeakable:  
about of Giorgio Agamben's *experimentum***

Cláudio Oliveira\*

#### **RESUMO**

O artigo busca entender o sentido do sintagma *experimentum linguae* presente em textos escritos pelo filósofo italiano Giorgio Agamben entre os anos 1989-1990. São escolhidos dois desses textos (uma introdução a uma edição italiana de um livro de Ingeborg Bachmann e um prefácio à edição francesa do livro *Infância e história*, ambos de 1989) para pensar em que medida a expressão *experimentum linguae* é essencial para entender como a questão do indizível se apresenta tanto à poesia quanto à filosofia. Com o sintagma *experimentum linguae*, Agamben vem propor uma outra experiência da linguagem a partir da qual tenta desconstruir a ideia de indizível. Para isso, ele estabelece um diálogo não só com a poeta austríaca Ingeborg Bachmann, mas também com filósofos como Heidegger, Wittgenstein e Benjamin.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agamben; Bachmann; Heidegger; Wittgenstein; Benjamin; Indizível

#### **ABSTRACT**

The article seeks to understand the meaning of the phrase *experimentum linguae* present in texts written by the Italian philosopher Giorgio Agamben between the years 1989-1990. The article chooses two of these texts (an introduction to an Italian edition of a book by Ingeborg Bachmann, and a preface to the French edition of *Childhood and History*, both from 1989) to think to what extent the expression *experimentum linguae* is essential to understand how the question of the unspeakable presents itself both to poetry and to philosophy. With the phrase *experimentum linguae*, Agamben proposes another experience of language from which he tries to deconstruct the idea of the unspeakable. To this end, he establishes a dialogue not only with the Austrian poet

---

\* Universidade Federal Fluminense – UFF; Departamento de Filosofia – Niterói – RJ – Brasil – [claudiooliveira@id.uff.br](mailto:claudiooliveira@id.uff.br)



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 24 - julho de 2020**

Ingeborg Bachmann, but also with philosophers such as Heidegger, Wittgenstein and Benjamin.

**KEYWORDS:** Agamben; Bachmann; Heidegger; Wittgenstein; Benjamin; Unspeakable

*Experimentum linguae* – L’expérience de la langue é o título que Agamben deu à conferência que fez no dia 25 de maio de 1990 no colóquio “Lacan avec les philosophes”, organizado pelo Collège International de Philosophie de Paris, quando Agamben era um de seus diretores de programa. A conferência permaneceu inédita até que, no final de 2018, foi publicada, pela primeira vez, no Brasil, pela editora Circuito, com o texto original (em francês) e com uma tradução minha para o português (AGAMBEN, 2018). Ao pesquisar sobre o tema da conferência, dei-me conta de que o sintagma *experimentum linguae* é recorrente em Agamben no período em que o texto foi escrito.

*Experimentum linguae* é, por exemplo, o título do famoso prefácio que Agamben escreveu em 1989 para a edição francesa de seu livro *Infância e História*, publicado pela editora Payot. Além disso, o sintagma *experimentum linguae* já tinha aparecido no mesmo ano em dois outros textos de Agamben: em uma “Introdução” para o livro *In cerca di frasi vere*, de Ingeborg Bachmann, datada de maio de 1989, e para a qual ele deu o título de “O silêncio das palavras”, e em uma resenha crítica do livro *Fictions philosophiques et science-fiction*, de Guy Lardreau, que foi publicada em novembro de 1989 no *Annuaire philosophique (1988-1989)*, da coleção *L’ordre philosophique*, dirigida por François Wahl. A expressão latina aparece ainda no texto “Pardes, a escritura da potência”, publicado originalmente, em tradução francesa, em 1990, na *Revue philosophique*, n. 2, e no capítulo 18 de *A comunidade que vem*, também de 1990.

Entre 1989 e 1990, Agamben estava, portanto, bastante interessado no sintagma *experimentum linguae* e na questão para a qual ele aponta. Através desse conjunto de breves textos, ele foi circunscrevendo o que tinha a dizer sobre a questão para a qual encontrou a melhor formulação recorrendo à expressão em latim.

No presente artigo, que é parte de um conjunto de textos que pretendo escrever sobre o tema, abordarei apenas a “Introdução” ao livro de Ingeborg Bachmann (AGAMBEN, 1989) e o “Prefácio” da edição francesa de *Infância e História* (AGAMBEN, 2001), textos em que encontramos referências comuns a um conjunto de autores dos quais Agamben parte para tratar da questão: Heidegger, Wittgenstein e Benjamin.

No caso da “Introdução” ao livro de Ingeborg Bachmann (1926-1973), as referências a Heidegger e a Wittgenstein parecem naturais, já que a poeta austríaca, além de ter escrito sobre Wittgenstein em um determinado momento de sua vida, tinha

defendido, aos 22 anos, uma *Dissertatio* sobre Heidegger. Essa dissertação é o ponto de partida da “Introdução” que Agamben escreve para o livro de conversas e entrevistas da poeta austríaca que foi publicado na Itália em 1989.

“O silêncio das palavras” é muito provavelmente o primeiro texto em que Agamben utiliza a expressão *experimentum linguae* e já encontramos aí uma definição muito precisa do que ele quer abordar com o sintagma em latim. Mas o modo como Agamben chega até o sintagma, em cada um dos textos que listamos acima, é sempre, a cada vez, muito singular. Na “Introdução” ao livro de Ingeborg Bachmann, esse ponto de partida é um tema que interessa a Agamben desde o início de sua obra: a “relação entre poesia e filosofia” (AGAMBEN, 1989, p. VI). Mas, aqui, trata-se, sobretudo, da relação de ambas com o indizível.

Embora Agamben considere a dissertação da jovem poeta bastante decepcionante do ponto de vista do conhecimento da obra de Heidegger, ele acredita, no entanto, que ela consegue, nesse texto de juventude, captar justamente o problema-limite do pensamento do filósofo alemão depois do seu encontro com a poesia de Hölderlin: a relação entre poesia e pensamento.

Bachmann, como ela mesma declara, foi influenciada pelos lógicos de Viena, sobretudo Carnap, para quem “[...] a metafísica heideggeriana, enquanto tenta, na forma de uma teoria, dar expressão a conteúdos que não são racionalizáveis, coloca-se fora do âmbito do conhecimento e acaba necessariamente por produzir um insuficiente substituto da poesia” (AGAMBEN, 1989, p. VI). Embora influenciada por Carnap, haveria, no entanto, segundo Agamben, uma diferença fundamental entre o lógico de Viena e a poeta austríaca. Enquanto Carnap visaria delimitar competências entre poesia e filosofia (conhecimento), para Bachman, ao contrário, poesia e filosofia coincidiriam quanto ao seu âmbito.

Debruçando-se sobre a sua *Dissertatio* de juventude, com a qual Ingeborg Bachmann visava nada menos que derrubar Heidegger, Agamben mostra como a poeta austríaca chega à ideia de que há, na obra do filósofo alemão, uma inadequação da filosofia para exprimir aquilo que ela visa. A arte, segundo ela, “com suas múltiplas possibilidades”, responderia em medida infinitamente mais alta à necessidade de expressão desse outro âmbito da realidade que Heidegger visava. Bachmann entende a poesia como “[...] um testemunho linguístico da extrema possibilidade de exposição (*Darstellung*) do indizível” (AGAMBEN, 1989, p. VI). Lendo a poeta, Agamben acredita que, para a autora, a poesia substituiria *in extremis* a filosofia “no ponto em que

esta falha diante da tarefa de uma exposição do indizível” (AGAMBEN, 1989, p. VII). O naufrágio linguístico do pensamento e a exposição do limite da filosofia seria, nesse sentido, o anúncio da tarefa própria ao poeta.

Em sua “Introdução” ao livro de Bachmann, Agamben nos mostrará como, de certo modo, o próprio Heidegger teria concordado, antecipadamente, com essa interpretação. Ele parte da correspondência entre Heidegger e o escritor, tradutor e historiador da literatura Max Kommerell (1902-1944) para demonstrar isso. Em 1941, Heidegger enviou a Kommerell o texto de sua conferência sobre os Hinos de Hölderlin. Em 22 de dezembro do mesmo ano, Kommerell escreve a Gadamer, dizendo que o texto de Heidegger é um produtivo acidente/infortúnio ferroviário (*Eisenbahn Unglück*), e numa carta ao próprio Heidegger, em 1942, ele pergunta: “não poderia ser seu ensaio um infortúnio (*ein Unglück*)?” (KOMMERELL *apud* AGAMBEN, 1989, p. VIII).

Em resposta a Kommerell, em uma carta de 4 de agosto de 1942, o filósofo, dando razão às críticas do escritor e historiador da literatura, diz: “Você tem razão, o escrito é um infortúnio (*Unglück*). Também *Ser e Tempo* foi um acidente (*Verunglückung*). E toda exposição imediata do meu pensamento seria hoje o maior infortúnio (*das grösste Unglück*).” (HEIDEGGER *apud* AGAMBEN, 1989 p. VIII)

Mas Heidegger continua:

Talvez este seja um primeiro testemunho do fato de que as minhas tentativas se aproximam às vezes de um verdadeiro *pensar*. Diferentemente do poeta, todo pensamento sincero é, no seu efeito imediato, um infortúnio. Disso se entenderá que eu não posso de modo algum me identificar com Hölderlin. (HEIDEGGER *apud* AGAMBEN, 1989 p. VIII).

Agamben acha espantoso que Heidegger defina, sem meios termos, como um “infortúnio”, *Ser e Tempo*, que o filósofo italiano considera a obra-prima da filosofia do século XX; mas, para ele, o que há de mais importante na resposta de Heidegger a Kommerell é que, ao sancionar “o necessário naufrágio do filósofo”, ele situa em um confronto “entre filosofia e poesia o *experimentum crucis* do pensamento” (AGAMBEN, 1989, p. VIII). É precisamente esse *experimentum crucis* que Agamben chamará, ao fim da “Introdução”, de *experimentum linguae*.

Apesar de a afirmação de Heidegger, na correspondência com Kommerell, aparentemente corroborar a interpretação de Bachmann sobre a superioridade da poesia em relação à filosofia na tarefa de dizer o indizível (mesmo que a resposta de Heidegger

seja um pouco mais sutil do que isso), Agamben problematizará essa perspectiva. Ele se pergunta: “[...] o poeta tem êxito onde o filósofo falha?” (AGAMBEN, 1989, p. IX). Para o filósofo italiano, o mais importante é o modo como devemos entender a exposição do indizível que acontece na poesia, se, nas palavras da própria Ingeborg Bachmann, aquilo de que nela, na poesia, se faz experiência é apenas “violência do horror e aniquilamento” (AGAMBEN, 1989, P. IX).

Ele nos lembra que, se, ao se confrontar com Hölderlin, Heidegger fez a experiência do seu escrito como um infortúnio, chegando a considerar *Ser e Tempo* como um acidente (*Verunglückung*), é com o mesmo termo que o próprio Hölderlin descreverá a si mesmo, quando se chama de *verunglückte Poet*, um “poeta desafortunado”, em uma carta a seu amigo Christian Ludwig Neuffer, de 12 de novembro de 1798: “Por certo há um asilo no qual todo poeta, que, se é, como eu, desafortunado (*auf meine Art verunglückte Poet*), pode encontrar refúgio: a filosofia.” (HÖLDERLIN *apud* AGAMBEN, 1989, p. IX).

Agamben flagra, ao abordar as cartas de Heidegger e de Hölderlin, uma posição espelhar: se o filósofo se vê como um desafortunado diante da poesia, o poeta só encontra refúgio para seu infortúnio na filosofia.

O verbo alemão *verunglücken* usado por Heidegger, para referir-se a *Ser e Tempo*, e por Hölderlin, para referir-se a si mesmo, significa, por um lado, sofrer um acidente no qual se é ferido ou morto, como, por exemplo, um acidente de carro; mas também tem o sentido mais geral de falhar ou fracassar em algo, como quando algo não sai como planejado ou desejado. O termo *Unglück*, sobre o qual se constrói *verunglücken*, e que Heidegger usa para caracterizar não apenas seu livro sobre Hölderlin, mas todo pensamento sincero, tem o sentido de “infelicidade, desgraça, infortúnio”.

A ideia de que há um infortúnio que ronda tanto a tarefa da poesia quanto a da filosofia e que, nesse sentido, tanto poetas quanto filósofos seriam desafortunados, embora ausente da dissertação de filosofia da escritora austríaca, teria, segundo Agamben, se presentificado em sua obra como poeta. Ele acredita que “muitas declarações de Bachmann, posteriores à dissertação, poderiam dar testemunho de uma análoga falência da poesia.” (AGAMBEN, 1989, p. IX).

Nesse sentido, não seria apenas a poesia que viria em socorro da filosofia, mas, nas palavras de Hölderlin, é na filosofia que todo poeta desafortunado pode também encontrar refúgio. Ou seja, “[...] tanto a filosofia quanto a poesia representam uma

forma de falência na exposição do indizível, que constitui sua tarefa comum.” (AGAMBEN, 1989, p. X).

Mas, para Agamben, não há aqui ocasião para nenhum pessimismo, já que “[...] essa falência é mais essencial do que a própria tarefa – ou, ao menos, é dela parte integrante, uma vez que verdadeiro poeta e verdadeiro filósofo é apenas quem de tal tarefa pode fazer experiência” (AGAMBEN, 1989, p. X). A exposição do indizível implicaria, assim, um paradoxo que Bachmann exprime em sua poesia ao dizer que “todos os que caem têm asas” (BACHMANN *apud* AGAMBEN, 1989, p. X).

É nesse ponto da “Introdução” que Agamben se refere, pela primeira vez, às conferências de Heidegger sobre “A essência da linguagem”. Na época em que escreveu sua dissertação, Bachmann não poderia ter conhecido essas conferências, que foram realizadas em Freiburg entre o fim de 1957 e o início de 1958.

Segundo o filósofo italiano, a experiência da tarefa e do fracasso em jogo na filosofia e na poesia é o que Heidegger tem em mente quando escreve, nas suas conferências sobre a essência da linguagem, “[...] que nós fazemos de fato experiência da linguagem apenas onde os nomes nos faltam, onde as palavras se quebram nos nossos lábios.” (AGAMBEN, 1989, p. X). Embora Agamben diga que Heidegger “escreve” isso, não encontramos nenhuma passagem das conferências em que tal frase possa ser encontrada. Não se trata, portanto, aqui, propriamente, de uma citação do texto de Heidegger. Agamben parece dizer com suas próprias palavras o que Heidegger escreve, como se citasse a conferência de memória. Mas talvez possamos pensar em duas passagens da primeira conferência como aquelas que Agamben teria em mente quando faz referência ao texto de Heidegger. A primeira:

Mas onde a própria linguagem enquanto linguagem vem à palavra? De modo raro, lá onde não encontramos a palavra certa para algo que nos preocupa, que nos provoca, oprime ou entusiasma. Deixamos, então, o que queremos dizer no não-dito e assim, sem pensarmos muito bem nisso, através de instantes, a própria linguagem com sua essência nos tocou, muito de longe e fugidamente. (HEIDEGGER, 1985, p. 151)<sup>1</sup>.

Nessa passagem já está dada a ideia de que a experiência de não encontrar uma palavra para dizer algo que se furta à palavra, de deixar o que se quer dizer no não dito,

<sup>1</sup> Wo aber kommt die Sprache selber als Sprache zum Wort? Seltsamerweise dort, wo wir für etwas, was uns angeht, uns an sich reisst, bedrängt oder befeuert, das rechte Wort nicht finden. Wir lassen dann, was wir meinen, im Ungesprochenen und machen dabei, ohne es recht zu bedenken, Augenblicke durch, in denen uns die Sprache selber mit ihrem Wesen fernher und flüchtig gestreift hat. Tradução de nossa autoria.

é, na verdade, o modo como a própria linguagem vem à palavra; ideia, portanto, de que a experiência do indizível é, na verdade, experiência da própria linguagem, *experimentum linguae*.

Quando Agamben diz que, nas conferências sobre a essência da linguagem, Heidegger tem em mente a experiência da falência na exposição do indizível, quando escreve que nós fazemos de fato experiência da linguagem “apenas onde os nomes nos faltam, onde as palavras se quebram nos nossos lábios”, ele parece estar se referindo à passagem acima, mas também ao último verso do poema de Stefan George citado e analisado por Heidegger na primeira conferência e que diz: *Kein ding sei wo das wort gebricht* que Heidegger reescreve como *Kein Ding ist, wo das Wort fehlt*, “Nenhuma coisa é, onde a palavra falta.” (HEIDEGGER, 1985, p. 154). Ao reescrever o verso de Stefan George, Heidegger entende, portanto, o verbo *gebricht* como equivalente a *fehlt*. E este é certamente um dos sentidos do verbo, como quando dizemos *es gebricht jemandem an etwas*, “falta algo a alguém”. Mas em *gebricht* ouvimos também o verbo *brechen*, que quer dizer “romper, fraturar, quebrar”. São esses versos que Agamben tem em mente, me parece, quando coloca como sinônimas as frases: “onde os nomes nos faltam, onde as palavras se quebram nos nossos lábios”.

Mas, para Agamben, talvez a formulação mais importante da conferência de Heidegger seja a ideia de que se trata, nelas, de “fazer uma experiência com a linguagem” (*mit der Sprache eine Erfahrung machen*). A frase encontra-se logo no início da primeira conferência e define o objetivo das três conferências sobre a essência da linguagem.

Essa mesma formulação é explicitamente citada no “Prefácio” de *Infância e História*, publicado no mesmo ano de 1989, mas lá Agamben cita a formulação heideggeriana exatamente para se contrapor a ela, na medida em que entende que o esforço que empreendeu, em *Infância e História*, teria sido exatamente o de sustentar a ideia de que “[...] da linguagem seja possível uma experiência que não seja simplesmente uma *sigética* ou um defeito dos nomes, mas da qual seja possível, ao menos até certo ponto, indicar a lógica e exibir o lugar e a fórmula.” (AGAMBEN, 2001, p. XI [AGAMBEN, 2005, p. 13]). Há, portanto, aqui, um afastamento em relação ao modo como Heidegger entende a experiência da linguagem. Podemos nos perguntar se, da “Introdução” ao livro de Bachmann ao “Prefácio” de *Infância e História*, teria ocorrido alguma modificação no modo como Agamben entende o *experimentum linguae*. É um intervalo muito curto. Ambos os textos foram publicados em 1989. Mas



acredito que há, de um texto ao outro, uma radicalização no modo como Agamben entende o *experimentum linguae*.

Em “O silêncio das palavras”, a discordância em relação ao modo como Heidegger entende a experiência da linguagem ainda não é explicitamente colocada. A expressão em latim cunhada por Agamben, *experimentum linguae*, é quase uma tradução literal da afirmação de Heidegger em alemão (*mit der Sprache eine Erfahrung machen*). E a frase de Heidegger pode ser entendida, com toda certeza, como um dos subtextos que estão presentes no sintagma agambeniano. Mesmo que não seja o único subtexto que nele encontramos. Há também, tanto no “Prefácio” de *Infância e História* como em “O silêncio das palavras”, a referência a Wittgenstein. E é precisamente a partir de Wittgenstein que Agamben precisará o que entende por *experimentum linguae*, mesmo que o *experimentum linguae* em Wittgenstein ainda esteja às voltas com a questão do silêncio e do indizível.

A própria Ingeborg Bachmann teria, segundo Agamben, numa transmissão radiofônica, aproximado a *Sprachlosigkeit*, o estar sem palavras, o falhar na linguagem de Heidegger ao silêncio<sup>2</sup> que fecha o *Tractatus* (WITTGENSTEIN, 2006, p. 85). Bachmann volta muitas vezes à proposição 4.115 do *Tractatus*, que trata do indizível: “Ela [a filosofia] indicará [*wird bedeuten*] o indizível na medida em que expõe [*darstellt*] claramente o dizível [*das Sagbare*]” (WITTGENSTEIN, 2006, p. 33). Provavelmente Bachmann tem em mente essa proposição ao atribuir à poesia a extrema possibilidade de exposição [*Darstellung*] do indizível.

No contexto em que surge a proposição 4.115 no *Tractatus*, trata-se de “delimitar o pensável [*das Denkbare*] e, com isso, o impensável [*das Undenkbare*]” (WITTGENSTEIN, 2006, proposição 4.114). “Com isso”, aqui, significa que a filosofia deve delimitar [*begrenzen*] o impensável de dentro [*von innen*], ou seja, através do pensável [*durch das Denkbare*]. É definindo o pensável que a filosofia define, por consequência, o impensável. E não o contrário. O mesmo vale para a relação entre dizível e indizível. É na medida em que apresenta claramente o dizível, que ela, a filosofia indicará [*wird bedeuten*] o indizível.

Agamben, no entanto, entende a proposição 4.115 do *Tractatus* a partir de uma outra, a de número 6.44, ao afirmar que “o indizível, para Wittgenstein, por certo não é *algo*, um *quid* do qual se poderia eventualmente dizer o que seja, bastando para isso

<sup>2</sup> A última sentença do *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein, a de número 7, diz: *Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen*, “Do que não se pode falar, sobre isso deve-se calar”.

encontrar a expressão correta [...], mas é uma pura *existência*, o puro fato de que o mundo seja” (AGAMBEN, 1989, p. X-XI). O indizível, nesse sentido, teria a ver com o que Wittgenstein chama, na proposição 6.44, de “o Místico”: “O Místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele é.” (WITTGENSTEIN, 2006, p. 84)<sup>3</sup>.

Ora, numa conferência sobre ética – não conhecida por Bachmann na época de seus escritos sobre o filósofo austríaco, uma vez que ela só foi publicada pela primeira vez em 1965 –, Wittgenstein diz: “A única expressão adequada na língua para o milagre da existência do mundo – ele escreve –, ainda que não seja nenhuma proposição *na* língua, é a existência da própria linguagem.” (WITTGENSTEIN *apud* AGAMBEN, 1989, p. XI)<sup>4</sup>. Agamben entende, então, partindo dessa passagem da conferência de Wittgenstein, que o indizível não é algo que possa ser dito por nenhuma proposição na linguagem, que ele é “dito” pela pura e simples existência da linguagem. Há, portanto, de novo aqui, o mesmo movimento que encontramos em Heidegger: quando a linguagem encontra o seu limite, o indizível, na verdade, ela encontra a si mesma, faz a experiência de si mesma.

Agamben abordará novamente essa passagem da conferência sobre Ética de Wittgenstein nas linhas finais do “Prefácio” de *Infância e história*. Voltaremos a ela mais à frente. Mas, em relação à “Introdução” ao livro de Bachmann, Agamben insiste em buscar, no *Tractatus*, aquilo que Wittgenstein entende por indizível.

Nesse sentido, a proposição 6.432 (“*Como* o mundo seja, é completamente indiferente ao Altíssimo. Deus não se revela *no* mundo.”), que Bachmann define como “a mais amarga do *Tractatus*”, não diz respeito, segundo Agamben, a um Deus que está escondido, por assim dizer, *atrás* do mundo. Como afirma ele: “[...] o que não se revela no mundo é o simples fato de que o mundo exista.” (AGAMBEN, 1989, p. XI), assim como o que não se revela na linguagem é o próprio fato de que a linguagem exista. Por isso, ele diz: “As proposições da linguagem que dizem *como* [*wie*] o mundo é, não podem dizer *que* [*dass*] o mundo é” (p. XI).

O indizível, portanto, não é algo que possa ser dito *por meio* da linguagem, mas apenas *pela* existência da própria linguagem. Agamben pode, por isso, entender a experiência que está em jogo no infortúnio que atinge tanto filósofos quanto poetas como um verdadeiro *experimentum linguae*:

<sup>3</sup> *Nicht wie die Welt ist, ist das Mystische, sondern dass sie ist.* Tradução de nossa autoria.

<sup>4</sup> *The right expression in language for the miracle of the existence of the world, though it is not any proposition in language, is the existence of the language itself.* (WITTGENSTEIN, 2015, p. 64). Tradução de nossa autoria.

Aquilo de que se trata então de fazer experiência no ‘infortúnio’ constitutivo do pensamento e da poesia (na falência poetante do filósofo e na falência pensante do poeta) é a própria linguagem. Isto é, experiência não *de linguagem*, mas *da* linguagem como tal, do seu ter lugar no silêncio das proposições significantes. (1989, p. XI-XII).

Como a pulsão de Freud, a linguagem se manifesta silenciosamente por trás do ruidoso palavrório de nossas falas. É a esse fato que se refere o título que Agamben dá à “Introdução”: o silêncio das palavras. É como se, em tudo o que disséssemos, estivéssemos dizendo também, sempre, ao mesmo tempo, uma outra coisa que nunca se diz e que não pode ser dita por nenhuma proposição, palavra ou frase da língua, que é o fato de que falamos. Não se trata, nesse sentido, no que Agamben chama de “[...] experimento bachmanniano”, de um “silêncio *na* linguagem, privação de palavra, mas silêncio *da* linguagem.” (1989, p. XIII-XIV).

O indizível não seria, portanto, o não linguístico, mas isso que Bachmann chamou certa vez de “a inteira língua” [*die ganze Sprache*]. É ao pensar a própria língua em sua pura exterioridade, ao refletir sobre o *factum* da sua existência, que Agamben propõe, quase ao fim da “Introdução”, chamar de *experimentum linguae* “[...] essa experiência que se faz não com objetos ou coisas significadas, mas com a própria linguagem.” (p. XII); e é nesse sentido, e apenas nesse sentido, que “[...] para todo poeta e para todo pensador dá-se um tal *experimentum linguae* que define o modo e o âmbito singular do ‘infortúnio’ por meio do qual ele responde à sua tarefa.” (1989, p. XII).

Perto da conclusão da sua “Introdução” ao livro de Bachmann, Agamben faz referência à famosa carta de Benjamin a Buber, de julho de 1916, na qual se fala ao mesmo tempo de uma “direção intensiva da palavra no coração do mais íntimo calar-se” [*die intensive Richtung der Worte in den Kern des innersten Verstummens*] e de uma “cristalina eliminação do indizível da linguagem” [*die kristallreine Elimination des Unsagbaren in der Sprache*] (BENJAMIN, 1978, p. 127). É exatamente à mesma carta de Benjamin que Agamben faz referência no “Prefácio” à edição francesa de *Infância e História*, publicado no mesmo ano de 1989, mas, então, para falar, não do indizível – que Agamben considera apenas como a consequência do que ele chama, desde o ensaio “A coisa mesma”, sobre a Carta VII de Platão, de “o invencível poder pressuposto da linguagem” (AGAMBEN, 2015) –, mas do “supremamente dizível”, isso que ele chama, numa referência ao mesmo ensaio sobre Platão, de “a *coisa* da linguagem” (AGAMBEN, 2001, p. VIII [AGAMBEN, 2005, p. 11]). O conceito de infância,

desenvolvido no primeiro ensaio do livro e que dá lhe título, é, nas palavras do próprio Agamben, “[...] uma tentativa de pensar esses limites [da linguagem] em uma direção que não é aquela, trivial, do inefável.” (1989, p. VII [p. 10]). A própria infância é definida, no “Prefácio”, como um *experimentum linguae* no qual “[...] os limites da linguagem não são buscados fora da linguagem, na direção da sua referência, mas em uma experiência da linguagem como tal, na sua pura autorreferencialidade.” (1989, p. X [p. 12]).

Podemos dizer, então, que o que Bachman, Hölderlin, Heidegger e Wittgenstein entendem como infortúnio da filosofia e da poesia em expor o indizível é apenas o lugar em que eles fazem experiência da língua. Por isso, Agamben pode dizer que o “[...] *experimentum linguae* de Heidegger, certamente se situou, em torno da metade dos anos 1930, no confronto (no infortúnio) com Hölderlin.” (AGAMBEN, 1989, p. XII). Mas a partir da conferência sobre ética de Wittgenstein, e sobretudo, da carta de Benjamin, ele introduz a ideia de um outro modo de fazer o *experimento linguae*, que não seja aquele marcado pela sigética, pelo silêncio das palavras, como ele mesmo diz no título que dá à “Introdução” ao livro de Bachmann.

Retomando as ideias de Benjamin, podemos dizer que o que Hölderlin, Bachmann, Heidegger e Wittgenstein entenderam como a experiência do indizível, portanto, como a experiência da linguagem enquanto um meio através do qual algo não se deixa dizer, Agamben, partindo de Benjamin, entenderá como uma experiência da linguagem em que a própria linguagem se deixa dizer. Trata-se, portanto, de fazer experiência não da linguagem em sua negatividade, mas em sua positividade plena.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Il silenzio delle parole. *In*: Ingeborg Bachmann. *In*: **Cerca di frasi vere**. Trad. Cinzia Romani. Introduzione di Giorgio Agamben. Roma-Bari: Laterza, 1989.

AGAMBEN, G. Experimentum linguae. *In*: AGAMBEN, G. **Infanzia e storia: distruzione dell’esperienza e origine dela storia**. Nuova edizione accresciuta. Torino: Einaudi, 2001. [ed. Bras.: AGAMBEN, G. Experimentum linguae. *In*: **Infância e história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005].

AGAMBEN, G. **Infanzia e storia: distruzione dell’esperienza e origine dela storia**. Nuova edizione accresciuta. Torino: Einaudi: 2001. [ed. Bras.: AGAMBEN, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.]

AGAMBEN, G. A coisa mesma. *In*: AGAMBEN, G. **A potência do pensamento**. Trad. António Guerreiro. Revisão da tradução: Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

AGAMBEN, G. **Experimentum linguae**: l’expérience de la langue = Experimentum linguae: a experiência da língua. Trad. Cláudio Oliveira. Rio de Janeiro: Circuito, 2018.

BENJAMIN, W. **Briefe I**. Herausgegeben und mit Anmerkungen versehen von Gershom Scholem und Theodor W. Adorno. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1978.

HEIDEGGER, M. Unterwegs zur Sprache. *In*: HEIDEGGER, M. **Gesamtausgabe. I**, 12. Frankfurt am Main: Vittorio Klosterman: 1985. [HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003].

WITTGENSTEIN, L. Tractatus logico-philosophicus. *In*: WITTGENSTEIN, L. **Id. Werkausgabe**. Band I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006. [Ed. Bras.: WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1994].

WITTGENSTEIN, L. **Uma conferência sobre ética**. Edição Bilíngue. Trad. Leonel Lucas Azevedo e Mário Jorge de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

*Data de submissão: 18/03/2020*

*Data de aprovação: 01/04/2020*